

Uma reflexão sobre a formação de Associações de Teoria e Análise Musical

Rodolfo Coelho de Souza
rcoelho@usp.br

Resumo: Esta palestra sustenta o ponto de vista de que já temos no Brasil um volume significativo de produções acadêmicas na área de teoria e análise musical, com qualidade suficiente para repercutir em âmbito internacional. Discute-se a conveniência de replicar o modelo de separação entre as associações de musicologia histórica e uma de teoria e análise a se criar, como ocorreu nos Estados Unidos nos anos 70. Conclui-se que isso não representa um problema, devido a essa divisão já existir em nosso ambiente. Indica-se que, mais importante do que a criação de uma entidade burocratizada, seria a fundação de uma revista temática de teoria e análise, que aumentasse a visibilidade das pesquisas, pois as publicações de seus resultados hoje se encontram dispersas em cerca de vinte revistas generalistas ligadas a programas de pós-graduação. Sugere-se que uma entidade já organizada, como a Anppom, que não precisa responder às orientações da Capes, hospede a fundação dessa revista.

Some thoughts about the constitution of Associations of Music Theory and Analysis

Abstract: This article supports the stand point that there is already a significant volume of academic production in Brazil in the area of musical theory and analysis, with sufficient quality to induce repercussion in the international arena. We discuss the convenience of replicating the model of separation between associations of historical musicology and theory and analysis, as happened in the United States in the 1970s. We reach the conclusion that this does not represent a problem, due the fact that this division already exists in our area. Finally we point out that more important than the creation of a bureaucratic association, it would be the foundation of a thematic journal dedicated to musical theory and analysis that might increase the visibility of our researches, insofar as the publication of its results is dispersed in more or less twenty generalist journals linked to graduate programs. We suggest that an organization already consolidated as the Anppom, that does not need to follow Capes rules, hosts the foundation of that journal.

Cresceu nos últimos anos o impulso para a criação de uma associação brasileira dedicada à Teoria e Análise Musical. Podemos identificar diversas causas para esse movimento. O primeiro é o impulso de imitação de outras áreas. Compositores e musicólogos tiveram, décadas atrás, sociedades mais ou menos ativas que hoje, todavia, perduram no limbo. Mais recentemente as áreas de Educação Musical, Performance, Etnomusicologia, entre outras, buscaram o caminho de consolidar coletivamente sua voz, tanto na Anppom, quanto na sua representação junto a instâncias governamentais. Parece natural que busquemos o mesmo caminho.

Conversando certa vez com a Profa. Carole Gubernikoff, uma das pioneiras na montagem de grupos de estudo dessa área no Brasil, questionamos a maturidade desse campo de pesquisa. Haveria massa crítica para a criação de uma sociedade brasileira de teoria e análise? Tínhamos, ambos, dúvidas sobre isso, ainda que eu me mostrasse mais otimista. Redobrei, desde então, minha atenção às evidências. Procurei acompanhar, nos simpósios e congressos, temáticos ou generalistas, o volume e diversidade da produção na área, assim como atentar para o volume do que tem se publicado nas revistas acadêmicas de música brasileiras que hoje somam quase duas dezenas. Não creio ser necessário exibir estatísticas e gráficos para afirmar o que salta aos olhos. O volume de produção, e o número de pessoas envolvidas na área, cresceram muito na última década. Basta olhar para o programa deste evento. Ainda mais, uma parcela significativa dos artigos publicados em revistas acadêmicas, quase a metade, pode ser classificada como teoria e análise musical. Outras áreas, como performance, certamente tem dificuldades muito maiores para demonstrar sua produção acadêmica, aceita como tal. Portanto se há dúvidas sobre a vitalidade da nossa área no Brasil, elas não são mais significativas do que o são para outras áreas que já buscaram sua formalização.

Outro ponto, mais sensível, precisa ser levantado. Estaríamos copiando o modelo americano que em 1978 dividiu a AMS (American Musicological Society), que já existia desde 1934, em duas correntes, uma dedicada à musicologia histórica e outra à teoria? Não seria melhor mantermos uma unidade maior nos agregando numa sociedade dedicada à musicologia em geral, uma vez que os limites entre as duas áreas é tênue? Já ouvi diversos colegas americanos dizerem que o caminho da divisão tomado por eles foi infeliz, porque acentuou demais a especialização, criando discursos autistas de scholars que escrevem apenas para seus pares, quando não apenas para si próprios.

Não obstante essa crítica, o modelo americano se espalha pelo mundo. Nas últimas décadas inúmeras sociedades nacionais surgiram na Europa, bastando citar a italiana, a russa, a holandesa, além da alemã e da inglesa. Para marcar uma diferença, que em última instância talvez seja apenas de nome, a sociedade inglesa enfatizou Análise Musical, em contraposição à Teoria da sociedade americana.

Esses fatos não são inócuos para nós. A cópia do modelo americano, que agora se espalha pela Europa, tem mais relevância para o ambiente brasileiro do que poderia parecer à primeira vista. O problema é que o campo da teoria e análise musical tornou-se, no pós-guerra, amplamente concentrado na produção dos anglo-saxões. Diversas causas contribuíram para isso. Primeiro foi a migração maciça de cérebros da Europa para a América, não só nos anos que antecederam a guerra, mas também no pós-guerra. Conheci diversos alemães, franceses, espanhóis, italianos, hoje na faixa etária dos 70-80 anos que fizeram sua carreira nos Estados Unidos. A segunda, e principal razão, é que as universidades americanas oferecerem um mercado gigantesco para profissionais de teoria e análise que praticamente inexistem na Europa. O modelo europeu, da separação da prática de performance e composição nos conservatórios, e de musicologia nas universidades, deixou a teoria e análise no limbo. Nos conservatórios ela é campo de trabalho para compositores, cuja preocupação com aplicações práticas no exercício da escrita torna-se instintivo, reduzindo a preocupação de especulação pura que pode existir no campo da teoria musical. Na universidade europeia a musicologia associa-se naturalmente a outras áreas das ciências humanas, como história e sociologia, esvaziando o interesse pelas aplicações analíticas. Um sintoma dessa clivagem foi observado na 6ª Conferência Europeia de Análise Musical que aconteceu em Freiburg, na Alemanha, em outubro de 2007. A contribuição dos europeus concentrou-se integralmente em *papers* de *historische Satzlehre* (que podemos traduzir como “teoria musical historicamente informada”), enquanto os de fala inglesa abordavam diversos assuntos que iam de análise schenkeriana a diversos tópicos da *Formenlehren* a qual já havia sido, no século dezenove, quase que um monopólio dos alemães. Sintomaticamente, uma das mesas, dedicada à análise da *Sonata Tempestade* de Beethoven, teve na mesa dois americanos (James Hepokoski e James Webster), um canadense de fala inglesa (William Caplin). O propósito era aprofundar a

senda aberta por Dahlhaus num texto clássico de 1980, que, entretanto, não criara herdeiros em terras europeias. Aos alemães não restou alternativa senão se conformar a ouvir o que os estrangeiros tinham a dizer sobre a música de seu compositor mais emblemático, Beethoven.

No Brasil o caminho foi peculiar. Nossa universidade criou um híbrido de influências europeias e americanas, mas deixou de lado algumas das características essenciais de ambas. Por exemplo, continuamos a seguir a bibliografia dos europeus, especialmente a francesa, deixando de perceber o quanto ela diminuiu nos últimos trinta anos e como a de língua inglesa cresceu. Não é incomum lermos teses de doutorado e projetos de pesquisa cuja bibliografia concentra-se em títulos dos anos 70, eventualmente 80, como se a área tivesse estagnado desde então.

Do mesmo modo, Teoria e Análise permaneceu como assunto de interesse dos compositores, tal como o havia sido na tradição do conservatório europeu, bastando citar Schoenberg e Hindemith, entre muitos outros. Entre nós basta recordar de Koellreutter, Willy Oliveira, Tacuchian, Widmer e Ilza Nogueira, perdurando o modelo nas gerações mais novas com Menezes, Ferraz e Zampronha. Mas ao mesmo tempo professores como Gubernikoff e Paschoal, advindos da musicologia ou da performance, provaram que o campo não precisava ser uma exclusividade dos compositores. Entretanto, embora tenhamos fundido, no nosso modelo de universidade, a universidade e o conservatório europeus, tal como se fez na universidade americana, jamais tivemos entre nós aquilo que foi a pedra de toque do modelo americano, qual seja, a abertura de programas de pós-graduação destinados à formação de professores de teoria e análise. Se eu tentasse obter um posto de trabalho numa universidade americana, dificilmente seria bem sucedido concorrendo para uma cadeira de teoria ou análise, pois minha formação seria considerada a de um compositor, que deveria concorrer para essa área, ainda que pudesse alegar ter uma substancial produção na área de análise. Mas no Brasil parece natural a todos nós que um compositor esteja aqui falando de teoria e análise.

Entretanto não pareceria igualmente natural que um historiador estivesse falando aqui de teoria e análise. Portanto a divisão de campos entre musicologia histórica, por um lado, e teoria e análise por outro, não representa uma cisão artificial, como ocorreu na sociedade americana de musicologia nos anos 70. Ela é coerente com o grau de especialização das atividades em nosso ambiente acadêmico.

Ainda assim essa falta de especialização tem colocado um fardo pesado sobre os ombros dos compositores, ainda que lhes propicie um mercado profissional mais amplo. Lembro meu orientador de doutorado na *University of Texas at Austin* comentando a pressão que sofria para que produzisse novas e bem sucedidas *composições*. Ninguém se importava muito se ele não publicasse *papers* e capítulos de livros, ainda que o fizesse com certa regularidade, mas certamente menos do que nos cobram aqui no Brasil, onde precisamos nos manter ativos em duas frentes permanentemente, na composição e na análise.

Não ter mencionado “Teoria” foi proposital. Num simpósio realizado no Rio de Janeiro, há dois anos, aleguei que era praticamente inexistente a produção em teoria no Brasil. Fui criticado por isso, mas sabia, já naquele momento, que isso era um exagero retórico meu. Tem crescido sim no Brasil a produção em teoria musical pura. Acompanho com admiração o trabalho de professores como Norton Dudeque, Carlos Almada e Paulo de Tarso Salles, apenas para citar três nomes entre diversos outros que omito por falta de espaço, que estão consolidando uma importante produção na área, com repercussões internacionais. E essa é a segunda constatação que reforça a resposta à dúvida que suscitei no início desta comunicação. Temos massa crítica? Minha resposta é sim, temos, e já estamos nos aventurando até mesmo nas elucubrações mais abstratas da teoria musical.

Em que direção caminhar agora? Creio que podemos alegar a conveniência de seguir o impulso europeu de criar uma associação nacional. Lembro o testemunho de Michiel Schuijjer no IV Encontro de Musicologia de Ribeirão Preto, que descreveu a diversidade do ambiente dos países baixos, com problemas

de línguas e tradições culturais diferentes que, todavia, convivem produtivamente numa sociedade holandesa. Ele percebia não haver as mesmas diferenças a enfrentar no Brasil e por isso ele não compreendia a nossa hesitação em criar uma sociedade brasileira de teoria e análise. Expliquei a ele que nossos receios eram outros. Nossa propensão à anarquia tupiniquim nos faz avessos às sociedades bem organizadas. Desenvolvemos sérias alergias a feudos e panelinhas, e por isso reagimos negativamente à simples proposta de nos organizar formalmente.

Mas não quero encerrar minha exposição numa nota negativa. Vislumbro alguns caminhos, e um deles tornou-se meu favorito. Creio que não é necessário insistir na formalização de uma sociedade de teoria e análise se isso causa desconfortos. O que não estamos enxergando é que essa agregação já existe sob o guarda-chuva da Anppom. Teoria e Análise é uma área reconhecida, e muito forte, dentro de uma associação que já está formalizada, e todos nós acorremos a ela regularmente. O passo que seria importante dar é aumentar a independência e a visibilidade da área *dentro* da Anppom.

Há três anos, numa mesa da Anppom em Curitiba, defendi a importância de criarmos revistas temáticas, em contraponto às revistas generalistas de nossos programas de pós-graduação. Ora, isso não poderia ser feito no âmbito das nossas universidades, pois a diretriz da Capes empurra as revistas na direção da diversidade e não da especialidade. Somente uma sociedade especializada em teoria e análise poderia criar uma revista temática e essa seria a melhor razão prática para sua criação. Esse havia sido meu raciocínio nos últimos anos três quando passei a incentivar esse projeto.

Nesse meio tempo fui convidado a uma fascinante palestra na Fapesp proferida pelo editor chefe da Nature, que como todos sabem é a mais famosa das revistas científicas. Como a Nature não publica sobre música, eu conhecia muito pouco sobre ela. Fiquei surpreso ao constatar que não há uma Nature, mas muitas Natures, cada uma delas dedicada a uma subárea da ciência. Lembrei então da nossa Anppom, e de sua revista, que cresceu muito de importância e visibilidade nas gestões dos editores Rogerio Budasz e Adriana Lopes Moreira. Minha proposta neste momento é que a consolidação de nossa área comece pela criação de uma revista temática desmembrada da própria revista da Anppom, onde já somos reconhecidos como área de associação. Incito a atual editora da revista, a Profa. Adriana Lopes Moreira a comandar essa iniciativa. Sei que isso depositaria em seus ombros, já sobrecarregados, mais uma tarefa hercúlea. Mas podemos ver que outras revistas encontraram uma maneira sábia de repartir o fardo da editoria de uma revista acadêmica da qual se exige regularidade de publicações de seus números, recorrendo ao rodízio de editores convidados. Isso poderia ser adotado para os números que se seguissem aos iniciais, a partir do momento que a sobrecarga começasse a pesar nos ombros da editoria da revista da Anppom. A edição abrangente não precisaria cessar, mas caminharia, como a Nature, para ter no futuro edições separadas das diversas especialidades. A importância de uma revista temática é inquestionável para a consolidação de uma área. Basta verificar a importância da Music Theory, da Music Spectrum e da Music Theory On Line no âmbito americano. Creio que é muito mais importante concentrarmos nossos esforços em torno da produção acadêmica e de seu reconhecimento entre os pares, a despeito dos ganhos que a burocratização da nossa representação associativa pudesse ter. Se ganharmos a batalha mais importante, que é a do conhecimento, as outras conquistas virão como decorrências inevitáveis.